

Eixo Temático

3. Educação no Campo, Marxismo, Trabalho e Formação Humana

Título

EDUCAÇÃO DO CAMPO EM FOCO: O OLHAR DAS DISCENTES DE PEDAGOGIA

Palavras-chave

Educação do Campo; Discentes de Pedagogia e Educação.

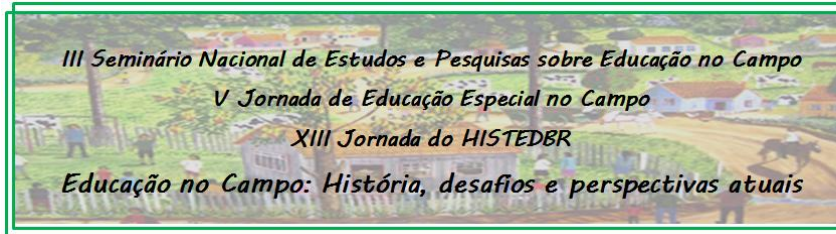
Resumo

O movimento da Educação do Campo está na busca pela redução das desigualdades do direito a educação escolar nos diferentes níveis de ensino buscando ampliar as possibilidades de oferta da Educação Básica no campo, visando inclusive apoiar o protagonismo dos sujeitos coletivos, a luta pela educação de qualidade e compromisso com a construção do campo como espaços de produção da vida de forma sustentável. Nesse sentido, a pesquisa qualitativa deste estudo objetivou investigar o ponto de vista dos discentes de Pedagogia sobre a disciplina educação do campo e sua relevância na grade curricular do curso. Os resultados obtidos nos levaram a afirmar que há ainda grande desconhecimento do tema entre as futuras professoras, e que persistem ideias preconceituosas sobre a atividade de ensino do campo, porém verificamos também, que novas concepções têm sido formadas entre as futuras educadoras, e que nos permitem pensar que novos sentidos e significados vêm sendo construídos. E que por isso, estratégias como a implantação de uma política pública de formação de educadores do campo e a criação de uma política pública de apoio à formação de educadores, são importantes não só para a criação de novas escolas no campo, mas, principalmente necessária para o não fechamento das escolas existentes.

Texto Completo

A categoria de atividade humana é a categoria central da fundamentação filosófica da obra vygotskyana, a qual tem como matriz os fundamentos ontológicos e sócio-históricos de Marx (1979), ela refere-se à impossibilidade de uma vida histórica e social do homem, sem considerá-lo como um ser biológico, um ser vivo pertencente à natureza, pois todo processo histórico-social vivenciado pelo gênero humano desde os seus primórdios até hoje, tem tido como base as leis e os processos naturais, mas, também políticos e econômicos.

**www.semgepec.ufscar.br
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015**



Assim, a atividade humana é mais do que uma resposta imediata às influências do meio, determinada geneticamente ou aprendida com seus pares, mas, toma por referência a mediação entre homem e a natureza, modificando-a, transformando-a, rompendo limites intencionalmente, na busca de atender suas necessidades modificando a natureza e si próprio no processo.

De acordo com Jesus (2010) é importante analisar que o modo de conhecimento está presente nessa relação de objetivação e apropriação que ocorre conflituosamente entre o homem e a natureza, já que ambos se inter-relacionam e se interpenetram contraditoriamente, sendo que o homem usa a razão para agir intencionalmente e intervir no mundo.

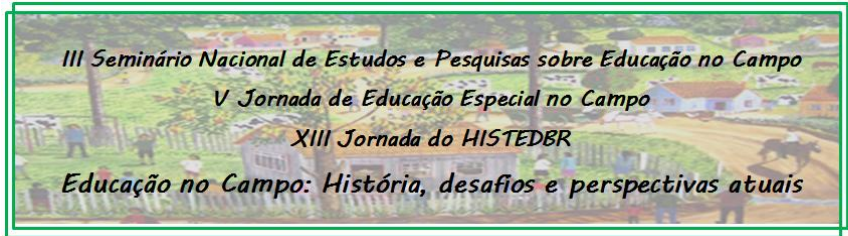
E esse agir intencional chama-se trabalho ou práxis. O trabalho, portanto, é um instrumento de intervenção de apropriação no mundo. No entanto, ao intervir e se apropriar o homem não só produz as condições da sua existência como também, produz a si mesmo. A relação de subjetivação do mundo pelos homens (JESUS, 2010).

Neste sentido, o resultado da intervenção humana no mundo pelo trabalho é a cultura e para Vygotsky (2007) deve haver uma unidade recíproca entre teoria e prática, na qual o homem criasse sua própria essência, histórica e socialmente, forjando o patrimônio cultural do gênero humano, à medida que adapta a natureza as suas necessidades, ele ainda ressalta que o desequilíbrio, do homem com o meio ambiente afetaria seriamente o organismo humano. Hoje percebemos os resultados obtidos pela maneira pela qual o homem lidou com a natureza, e suas riquezas e como sua saúde foi seriamente abalada, assim como a natureza reciprocamente. Em Marx e Engels (1979):

Trabalho é atividade orientada a um fim para produzir valores de uso, apropriação do natural para satisfazer as necessidades humanas, condição universal do metabolismo entre homem e natureza, condição natural e eterna de vida humana, portanto, independente de qualquer forma dessa vida, sendo antes igualmente, comum a todas as suas formas sociais.

Foi por influência de Marx (1979) que Vygotsky concluiu as origens das formações superiores com base nas relações sociais que o indivíduo estabelece com o mundo exterior, destacando-o enquanto produto e enquanto agente ativo no processo de criação desse meio e de seu próprio psiquismo. Segundo Oliveira (2010) são as relações

www.semgepec.ufscar.br
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015



que o indivíduo estabelece que colaborem na formação das funções psicológicas superiores, e as desenvolvem por meio das apropriações dos bens materiais e culturais objetivados pelo gênero humano.

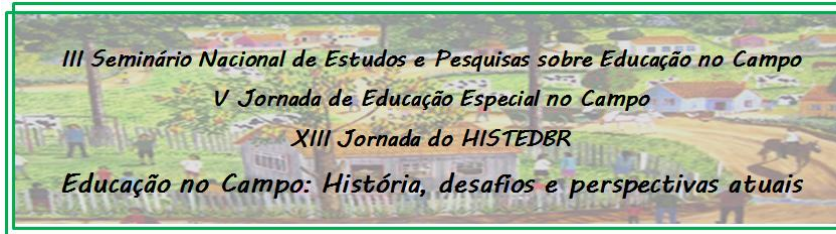
Nesse sentido, a atividade humana começa com um projeto ou com o objeto ideal que se deseja produzir, e embora envolva também a articulação dos atos tem a especificidade de ter a sua determinação por meio da intervenção da consciência, mas para que uma atividade se configure como humana é essencial que seja movida por uma intencionalidade.

Segundo Jesus (2010) a intencionalidade materializada na ação humana sobre o objeto faz com que este tenha novas funções. Essas novas funções são sínteses da atividade social que será apropriada por outros seres humanos desde quando incorporem essa objetivação à sua atividade individual. Assim, o processo de objetivação e apropriação se dá tanto pela repetição quanto pela criação de um novo conhecimento, este se constitui como um entendimento de averiguação e interpretação da realidade que traz elementos do passado e o ainda não existe. O novo é produzido exatamente na relação dialética entre o existente o não existente, onde ser realiza a objetivação e subjetivação por meio do trabalho humano.

Corroborando com a autora supracitada, Oliveira (2010) salienta que toda atividade humana é orientada para um fim, o qual é sempre determinado pelo contexto; obedece, portanto aos aspectos histórico – sociais, determinadas portanto aos padrões determinados histórica e socialmente, aos usos e costumes de determinada formação social, mas nem sempre o homem tem consciência disso.

Por isso, é tão importante que a escola ajude o sujeito a ressignificar sua existência, seu modo de vida e cultura articulando os saberes científicos aos conhecimentos adquiridos e produzidos a partir de sua própria vivência socio-histórica como sujeito camponês. Para Nascimento (2002) a tarefa desses processos educativos a formação das habilidades necessárias para que as crianças e jovens do campo tornem-se, não só críticos consumidores de conhecimentos produzidos mas, principalmente, tornem-se produtores de novos conhecimentos, sem que para isso, se vejam obrigados a deixar o Campo.

www.semgepec.ufscar.br
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015



Marx, e muitos dos estudiosos que desenvolveram suas ideias demonstraram que, para compreender a essência humana, o comportamento do homem, com o meio em que vive, e dentro dele, é imprescindível estudar a atividade humana e seu produto, já que é através da atividade, que o indivíduo não só não se apropria do conhecimento já existente, mas ao fazê-lo se objetiva no produto de seu trabalho, desenvolvendo-se nessa relação. Dessa forma, é possível ir ao mais fundo daquilo que foi formado o humano nesse homem e penetrá-lo, ao investigar sua atividade.

Daí a importância e a necessidade do conhecimento de todo o mecanismo subliminar das circunstâncias históricas, em sua multiplicidade e complexidade, para que se possa organizar, de forma intencional, uma práxis transformadora, e que diminua o antagonismo entre indivíduo e sociedade.

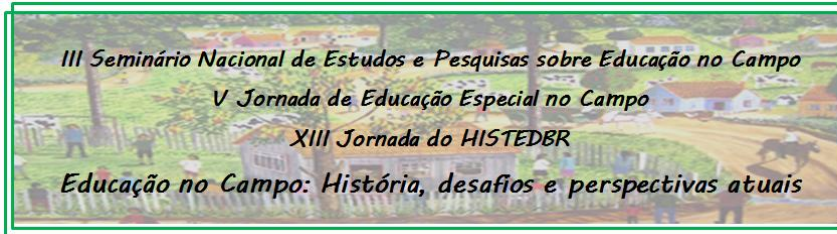
O capitalismo, porém forja uma cisão entre o homem e o resultado de seu trabalho; funcionando como uma nova organização do real, a globalização prega igualdade, padronização, regularidade, em nome de “extinguir as diferenças” e o “diferente”, por conseguinte é objeto das políticas públicas, nunca sujeito destas. O projeto de governo liberal de globalização beneficia a poucos, mas, se mantém com o consentimento de muitos (NASCIMENTO, 2002).

O autor supracitado afirma que (2002, p.110):

Esse consentimento é resultado da luta entre poder e conhecimento, tecida no próprio cotidiano: instituições culturais de controle e regulação da cultura, incorporando e incluindo códigos, normas que governam o comportamento social dos sujeitos, além de mecanismos particulares, crenças, atos de linguagem e formas de organização.

Clot (2006) demonstra toda atividade tem como referência as experiências e memórias pessoais e coletivas do trabalhador, em suas palavras:

[...] o social não é simplesmente uma coleção de indivíduos, não é simplesmente o encontro de pessoas; o social está em nós, no corpo, no pensamento; de certa maneira, é um recurso muito importante para o desenvolvimento da subjetividade. Nesse sentido, o coletivo não é uma coleção, é o contrário da coleção. O coletivo, nesse sentido, é entendido como recurso para o desenvolvimento individual (CLOT, 2006 p.128).



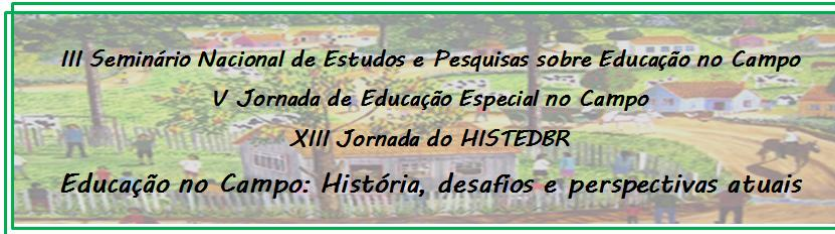
Assim, toda a atividade é dialógica, visto que, dentre uma série de atividades, há uma vencedora (efetivamente realizada), que retoma e antecipa muitas outras, havendo, portanto, uma cadeia de atividades. Sendo assim, uma análise que privilegie somente as atividades realizadas não dá conta da complexidade que caracteriza o trabalho humano (CLOT, 2006).

Para Nascimento (2002), apesar do triunfo aparente da economia de mercado e de sua ideologia a favor do lucro, existem forças políticas, sociais, culturais de diferentes tendências que se opõem ao totalitarismo imposto pelo neoliberalismo, na busca de autonomia, liberdade e diferenciação. Prova disso é o retorno a identidade local, que faz repensar a noção de globalização e aceitar o pressuposto de que esse mesmo processo, contraditório ao extremo, também abre espaço para a subjetividade dos sujeitos sociais.

Segundo Rocha (2010) na última década, a Educação do Campo que tem se dado em torno da luta pela redução das desigualdades do direito a educação escolar nos diferentes níveis, no território rural, e essa nova área de formação e trabalho docente tem desafiado as políticas públicas e trazido à tona a ampla gama de tensões: primeiro o compromisso com a construção de uma forma de produção da vida sustentável, no campo e na cidade, que nos remete para a tomada de posição sobre o modelo de sociedade; mas, também pela luta e garantia do direito a educação escolar para os camponeses, que passa pela criação de escolas no campo, pelo não fechamento das existentes, pela ampliação da oferta dos níveis de escolarização nas escolas que estão em funcionamento, e principalmente, pela implantação de uma política pública de formação de educadores do campo.

O compromisso dos educadores do Campo deve ser com um projeto político-pedagógico que tenha como referência a superação do modelo capitalista, e isso tem sido o mais difícil, porque uma ação educativa do campo é indissociável da luta pela democratização do acesso e uso da terra, das águas e das florestas, dos bens, dos direitos, dentre eles, a produção e uso do conhecimento (ROCHA, 2010).

Ou seja, os processos educativos a formação das habilidades necessárias para que as crianças e jovens do campo precisam ser específicos, para que estes se tornem críticos, mas principalmente produtores de novos conhecimentos, articulando os sabores



científicos aos conhecimentos adquiridos e produzidos a partir de sua própria vivência socio-histórica no campo. Deve também, associadas aos processos de auto-organização dos estudantes, as práticas educativas proporcionar, na maior medida possível, o protagonismo dos educandos, para que se responsabilizem e executem as atividades planejadas, aprendendo também as mais eficazes ferramentas para proceder a avaliação dos processos realizados, no sentido da identificação dos acertos e da capacidade de projeção de melhorias em práticas futuras.

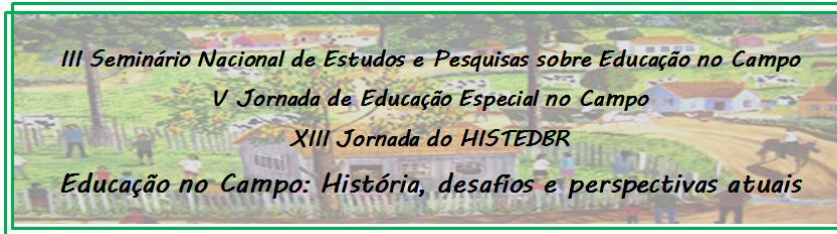
E ainda como parte dos aprendizados relacionados aos processos de auto-organização e protagonismo dos educandos, faz-se necessária a preparação para a participação na gestão dos processos educativos, sempre com o intuito de possibilitar aos educandos a internalização dessas práticas e a capacidade de planejá-las e organizá-las autonomamente, seja em outros processos educativos escolares ou processos educativos comunitários (ROCHA, 2010).

Para Vygotsky (2007), isso é desenvolvimento: reorganização do funcionamento psíquico, em relação à natureza dessa reorganização e nas e pelas condições sob as quais ela ocorre, e sua articulação em linguagem, organização e pensamento. Contudo, infelizmente, a concepção pressuposta no materialismo histórico, ou seja, na compreensão da história a partir do desenvolvimento material, da determinação das condições materiais da existência humana, firma-se no Brasil, fundamentalmente, a partir de 1979. De acordo com Nascimento (2002, p. 80):

Com efeito, foi a partir das contradições do modo de produção feudal que se desenvolveu o capitalismo. Consequentemente, a sociedade capitalista contém, também, em seu interior, um caráter contraditório cujo desenvolvimento conduz à transformação e, mais tarde, à sua própria superação. É esta análise que em nosso país começa a adquirir forma mais sistemática a partir de 1979, quando se empreende a crítica da visão crítico reprodutivista e se busca compreender a questão educacional a partir dos condicionantes sociais. Trata-se, assim, de uma análise crítica porque consciente da determinação exercida pela sociedade sobre a educação; no entanto, é uma análise crítico-dialético e não crítico-mecanicista.

Segundo Nascimento (2002) na medida em que estamos ainda numa sociedade de classes com interesses opostos e que a instrução generalizada da população contraria os interesses de estratificação de classes, ocorre essa tentativa de desvalorização da

**www.semgepec.ufscar.br
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015**



escola, cujo objetivo é reduzir o seu impacto em relação às exigências de transformação da própria sociedade.

Com efeito, a pedagogia crítica implica a clareza dos determinantes sociais da educação, a compreensão do grau em que as contradições da sociedade marcam a educação e, conseqüentemente, como o educador deve posicionar-se diante dessas contradições e desenredar a educação das visões ambíguas, para perceber claramente qual é a direção que cabe imprimir à questão educacional.

Para tanto existe a necessidade de que o educador conhece os princípios da educação do campo e saiba como interagir com seus conhecimentos. Desta feita, este estudo tem por objetivo investigar o ponto de vista dos discentes de Pedagogia sobre a disciplina educação do campo e sua relevância na grade curricular do curso.

Caminhos Metodológicos

Trata-se de uma pesquisa qualitativa que segundo Angrosino (2009) tem como princípio a compreensão dos fenômenos a partir de seu acontecer histórico no qual o particular é considerado uma instância da totalidade social. A pesquisa é vista como uma relação entre sujeitos, portanto dialógica, na qual o pesquisador é uma parte integrante do processo investigativo.

Para obtermos os dados da pesquisa utilizamos a entrevista semiestruturada. O objetivo deste tipo de entrevista “é revelar o conhecimento existente de tal modo que se possa expressá-lo na forma de respostas, tornando-se assim, acessível à interpretação” (FLICK, 2009, p.153). A entrevista semiestruturada é definida como um processo de entrevista que consiste em perguntas escolhidas de antemão com o objetivo de extrair informações dos entrevistados, podendo quando necessário acrescentar novas perguntas, visando resultados importantes para a pesquisa em questão (ANGROSINO, 2009).

. As participantes da pesquisa foram as discentes do último período de Pedagogia regularmente matriculadas da Universidade Federal de Alagoas localizada no nordeste do Brasil. Entre os nomes cadastrados, foram escolhidos de forma não randômica quinze discentes, A entrevista versou sobre as disciplina eletivas do curso de Pedagogia e as aspirações pela escolha da disciplina Educação do campo, buscando compreender quais as disciplinas haviam sido escolhidas, e se entre elas figurava a



educação do campo, tendo em vista que o estado de Alagoas tem historicamente construído sua base econômica¹ no campo.

Posteriormente às entrevistas foi realizada uma leitura juntamente com uma análise minuciosa e exaustiva de todos os dados, e, a partir destes, foram levantadas as análises baseadas nos resultados. Neste processo fez-se uso da análise de conteúdo. Minayo (2004, p. 209) menciona que este tipo de análise “[...] consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação cuja presença ou frequência signifiquem alguma coisa para o objeto analítico visado”, a análise desdobra-se em três etapas: pré-análise; exploração do material e tratamento dos resultados obtidos e interpretação. Através da direção da análise de conteúdo chegamos a guisa do estudo em questão. Vejamos a seguir os resultados e análise dos dados.

Resultados e análise de dados

Para começar a apresentação dos resultados expomos aqui a descrição de algumas características dos participantes da pesquisa, que pode ser vista no quadro 1. Vale salientar que os nomes são fictícios para preservar a identidade dos sujeitos envolvidos nela.

Nome	Idade	Disciplinas eletiva	Motivo da escolha
Mariany	23	EJA 1 EJA 2 Cultura midiática; Literatura Infantil.	Interesse pelos temas
Julia	24	Educação e Movimentos sociais; educação e diversidade étnico raciais; Cultura Midiática.	Interesse e busca de conhecimento
Mayra	28	EJA 1 e EJA 2 Cultura midiática; Literatura Infantil.	Busca de aprofundamento
Meire	25	EJA 1 e EJA 2 Educação Especial; Cultura midiática.	Tema do TCC e interesse pela área
Magda	23	Educação do campo; Ead I e Ead II; Literatura infantil.	Curiosidade.
Helena	22	Ead I e Ead II Saúde Mental e tecnologia; Cultura midiática	Busca por inovação em educação.
Wilma	27	EJA 1 EJA 2	Tema do TCC

¹ Alagoas tem tradição no plantio de cana de açúcar, e figurou durante muitos anos entre os estados mais produtivos no que se refere a produção de açúcar e seus derivados.

www.semgepec.ufscar.br
27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015

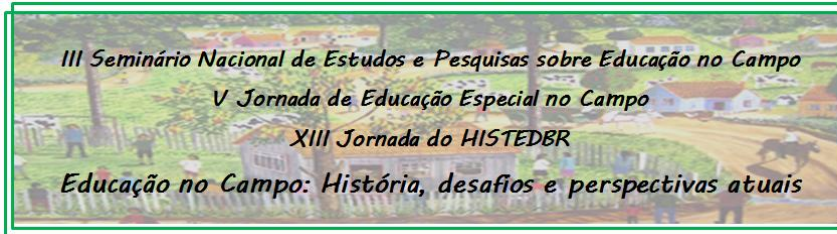
		Cultura midiática; Literatura Infantil	(EJA)
Jane	32	Educação do campo; EJA I e EJA II; Educação especial	Estudar assuntos que foram pouco abordados no decorrer do curso.
Ana Carla	25	EJA 1 EJA 2 Educação do campo Literatura Infantil	Tema do TCC (EJA)
Ana Maria	23	EJA 1 EJA 2 Educação do campo Literatura Infantil	Interesse pela área e curiosidade.
Diana	25	EJA 1 EJA 2 Cultura midiática; Literatura Infantil.	Tema do TCC (EJA)
Gema	28	Não respondeu	-
Josefina	21	Diversidade ético-racial; educação e gênero; EaD I e EaD II	Interesse pelas áreas de atuação.
Karen	26	Cultura midiática; literatura infantil; e EJA I e EJA II	Já trabalha com EJA, e escolheu esse tema para o TCC

A formação e a titulação ofertadas em um curso objetivam criar condições para atendimento das especificidades dos diferentes contextos de educação escolar, buscando viabilizar as diferentes configurações institucionais que existem e que podem vir a existir. Contudo, na universidade pesquisada, não há uma cadeira que discuta a Educação no Campo, e mesmo a Educação de Jovens e adultos (embora seja notório e de grande conhecimento os déficits educacionais em ambas as áreas, principalmente na EJA).

Essa lacuna ficou evidente ao analisar as respostas das alunas, Mariane, Mayra, Meire, Jane, Karen, Diana, Ana Maria, Ana Carla e Wilma, que fizeram essa opção de curso, porque tinham interesse pela área, e não haviam tido a matéria no curso.

Isso sinaliza o quanto as futuras professoras estão preocupadas com a função que desempenharão no contexto escolar, e que verificam a relevância do seu papel elementar de mediador e possibilitador das interações entre os alunos e entre estes e o objeto de conhecimento (MOURA, 2004).

Para Moura (2004), cabe ao professor entre outras coisas, desafiar o nível em que o sujeito está, sem desrespeitar seus conhecimentos e experiências anteriores, levar o aluno a olhar para o futuro, para as capacidades que se desenvolverá possibilitando a socialização das experiências culturais e conhecimentos que possui. Pode tornar a classe, um espaço privilegiado para desencadear o processo de aprendizagem, de



elevação na busca do conhecimento. Alcançando para o aluno a esperança de transformação de si e do seu entorno. E sem dúvida em Alagoas, os altos índices de analfabetismo exigem pessoas preparadas e interessadas, ao que me parece o curso tem conseguido formar, dadas as adesões a essa área entre as entrevistadas.

Já no que se refere a Educação do Campo, apenas três das entrevistadas disseram que fizeram essa opção formativa, e por razões distintas: Magda, por curiosidade, Jane por necessidade (fora selecionada para um emprego) e Ana Carla, para buscar aprofundamento porque já trabalhava em uma escola do Campo. Em comum o fato, de que as três demonstraram ao serem entrevistadas entusiasmo e compromisso e esclarecimento para com o assunto. Como podemos perceber na resposta de Magda: “aprendi a respeitar os camponeses”, “agora sei que eles não são coitadinhos”, “são cidadãos e merecem respeito.

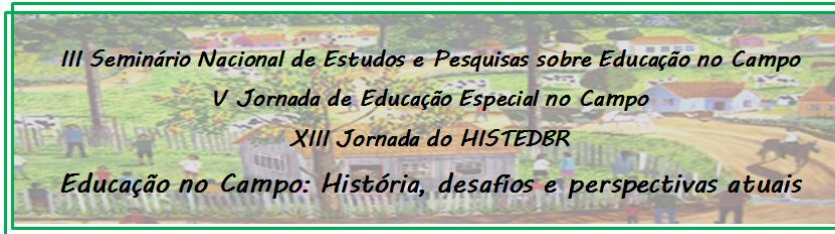
Essa resposta traz em seu bojo informações relevantes, se por um lado a aluna demonstra sensibilidade e respeito pelas pessoas do campo, também podemos perceber que o preconceito das pessoas da cidade com os cidadãos do campo é ainda muito presente na cidade “não são coitadinhos”. Essa fala não é só da aluna, a ideia de que o cidadão do campo é um cidadão carente, sofrido, e desprovido de qualidade de vida é muito comum em nosso meio.

Veicula-se de forma abundante, que faltam o na mídia, que estudar e trabalhar na escola do campo é desprestigiado, que faltam recursos, e que a distância do centro se traduz em sacrifício diário, entre outros pareceres do senso comum.

Essa informação também pode ser lida na resposta de outra entrevistada, justificando seu interesse pela área:

Eu não sabia, como acontecia, de fato, a educação do campo. Eu queria entender principais diferenças entre ela e a escolarização que ocorre na cidade, por exemplo. Eu era “alheia” ao assunto. Porém, hoje sei que o Campo tem suas peculiaridades, e que a proposta de educação deve partir dele, dos seus sujeitos e de suas vivências (Jane).

Essa resposta traduz concepções interessantes para análise porque evidencia o quanto desconhecemos os personagens do campo, e de que maneira pensamos a educação nesse âmbito. Muitas das vezes os estudantes partem da premissa de uma



resposta em nível de senso comum, pensando que sabem o que falta, do que se precisa, e que é um mero caso de adaptação ao ensino que se faz na cidade. E que o campo precisa de transformação, quando na verdade, ele precisa de respeito, apoio, reconhecimento, que se traduz pela pequena inclusão dos egressos dessas escolas nos demais sistemas de ensino.

Outro dado de referência de que há pouca ou nenhuma escolas para atuação docente, nessa modalidade é um dado que merece atenção, indica ambivalência e contrariedade de valores, pois que o campo, digo, seus produtos, são importantes para a sobrevivência da cidade, por que insistimos em despojar de importância as escolas do campo? Basta verificar o quantitativo: há cada vez mais um número pequeno de escolas em funcionamento, e as poucas que existem estão os poucos sendo desativadas, sem que nada seja feito. Será que transportar as crianças e os homens do campo para a cidade é o melhor a ser feito. Será?

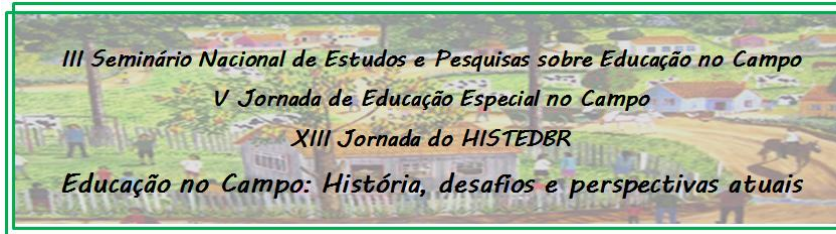
A resposta de Ana Carla, que buscou a disciplina, porque ensina em uma escola do campo nos traz um dado relevante.

Ainda há pessoas no Campo, há jovens, há mulheres, há homens sedentos de mais saber, que insistem em lá permanecer, isso, de certa forma, abre oportunidade de transformação, que está diretamente relacionada à dimensão histórica do ser humano.

É porque inacabados que os seres humanos necessitam da esperança para se mover, interagir, interligar, mudar e transformar como seres inconclusos que somos, podem transpor os condicionantes que os limitam, mas não os determinam. Como seres históricos e sociais, esperançosos. A esperança é a essência da humanidade.

Há muito a ser feito, o próprio desinteresse pela área, percebido pelas alunas de Pedagogia no Estado pesquisado, que é eminentemente rural, demonstra isso.

Para Rocha (2010) a formação precisa contribuir para que o educador seja capaz de propor e implementar as transformações político-pedagógicas necessárias também à rede de escolas que hoje atendem a população que trabalha e vive no campo. Mas, que seja educador que respeite o povo do campo, e que atue para muito além do papel da educação escolar. Um educador que assume seu papel como agente de transformação da sua realidade pessoal e social.



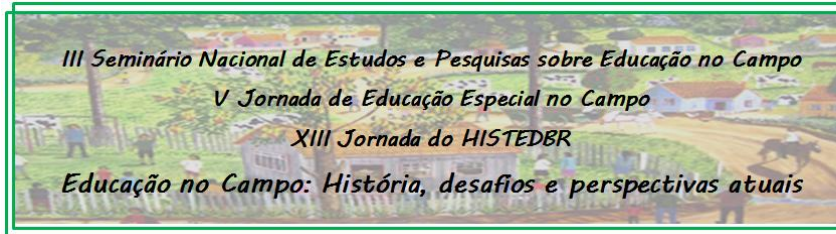
Considerações Finais

A complexidade do trabalho do professor, as prescrições, as reflexões acerca dos aspectos inerentes à sala de aula e também os impedimentos que cerceiam ou dificultam a ação do professor podem contribuir no sentido de permitir compreender melhor suas práticas, e visionar o ensino como um trabalho que demanda a compreensão de diferentes dimensões para poder transformá-lo, deve possuir como ferramenta teórica uma concepção de homem como um ser em movimento, capaz de imprimir algo de singular naquilo de que participa, e no qual também se produz capaz de intervir em sua própria história; e a uma concepção de trabalho como um processo coletivo e singular, de criação e recriação da história de um ofício; e da atividade de trabalho como processo de produção não só de coisas ou serviços, mas também de subjetividades – renovadas – que mobilize pensamento, ação e desenvolvimento. Isso tudo, pode acontecer no campo.

Infelizmente educação do campo vem sendo construída no enfrentamento do estado para que os sujeitos do campo, sendo por vezes, não reconhecidos como sujeitos de direito que, necessitam viver com dignidade, evidenciando a necessidade de mudança.

Isso é um traço indelével do capitalismo, que produz invisibilidade, aos trabalhadores, principalmente desqualificando os camponeses como capazes de produzir, a partir de suas práticas sociais, suas formas de organização e resistência, estratégias de intervenção concreta na realidade.

Educadores que sejam esclarecidos, comprometidos se fazem hoje necessários, no momento histórico que vivemos de retomada do cuidado com o tão maltratado planeta que vivemos de valorização do natural, da busca desenfreada pela saúde física e mental. Se faz necessário que os sujeitos participantes do processo educativo construam uma visão de mundo que ultrapasse a visão utilitarista da escola. Isso significa dizer que a escola tem de ter um vínculo direto com o trabalho, não apenas como necessidade, mas como liberdade de expressão, como espaço de criatividade, de realização de trabalho intelectual e manual, espaço de apoio e reflexão sobre a educação e a participação dos sujeitos na sociedade, sem distinção.



Referências

ANGROSINO, M. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: ARTMED, 2009.

CLOT, Y. **A função psicológica do trabalho**. Petrópolis: Vozes, 2006.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3.ed.Porto Alegre: Artmed , 2009.

JESUS, S. M. S. A. A formação de educadores do campo e o compromisso com a emancipação da classe trabalhadora. In: **Convergências e tensões no campo no campo da formação docente**. Coleção didática e prática de ensino. Belo horizonte: Autentica, 2010.

MARX, K.; ENGELS,F. A ideologia alemã. São Paulo: Ciências Humanas, 1979.

MINAYO,M.**Odesafiodoconhecimento:pesquisaqualitativaemsaúde**.8.ed.SãoPaulo:Hu citec-Abrasco,2004.

NASCIMENTO, R. N. A. Reinvenções da cidadania: conceitos multidimensionais. In: **Cidadania e democracia na escola para a vida**. João Pessoa:editora universitária UFPB, 2002.

ROCHA, M. I. A. Desafios e perspectivas na formação de educadores: reflexões a partir do curso de licenciatura em educação do campo desenvolvido na FAE/UFMG. In: **Convergências e tensões no campo no campo da formação docente**. Coleção didática e prática de ensino. Belo horizonte: Autentica, 2010.

VIGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. Lisboa: Relógio D'água, 2007.